

Definições devem sair somente em negociações específicas

GAZETA MERCANTIL 10 ABR 1989

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O Plano Brady, que propõe algumas alternativas para reduzir o peso da dívida externa do Terceiro Mundo em três anos, não é mais algo tão "confuso como há três semanas, mas ainda não é muito claro", disse na sexta-feira a este jornal um banqueiro novaiorquino, com assento no Comitê de Bancos que assessora o Brasil.

"Provavelmente nós vamos descobrir o que o plano significa durante negociações específicas com países devedores", acrescentou. "Foi o modo como conseguimos definir os limites do Plano Baker, de 1985, e é como entendemos que se pode obter novas definições."

De acordo com esse banqueiro, há um novo momento de definições adiante: o encontro do grupo dos sete países ricos em Paris, previsto para o próximo dia 14 de julho, como parte das comemorações dos 200 anos da Revolução Francesa. "O Banco Mundial (BIRD) e o FMI deverão ter detalhes operacionais estabelecidos para o encontro do grupo dos sete", acentua.

Até lá, porém, algumas negociações entre banqueiros e países estarão em curso, e algumas das idéias mais polêmicas do Plano Brady serão efetivamente testadas. "Tem havido alguma preocupação da nossa parte com o fato de que o secretário Nicholas Brady e o subsecretário David Mulford estão colocando muita ênfase na redução da dívida externa, em oposição à continuidade de novos empréstimos pelos bancos comerciais", raciocina o banqueiro, por exemplo.

"Afinal", emenda, "a redução da dívida apenas não será suficiente para permitir o crescimento das economias dos países em desenvolvimento. Então, Mulford pode ter exagerado na parte da redução da dívida esquecendo a parte do dinheiro novo. Mas, recentemente, algumas declarações estão sendo feitas em torno do dinheiro novo, e essa é uma mudança para melhor."

O banqueiro não considera significativo o estudo da Salomon Brothers mostrando o efeito de alguns cenários sugeridos pelo Plano Brady nos bancos co-

mERCIAIS nORTE-americanos. "A Salomon Brothers sabe tanto quanto nós sobre o que é o Plano Brady, ou seja, nada", fulminou.

"O que é provavelmente mais importante", argumentou, "é começarmos negociações práticas. Nós também não sabíamos o que era o Plano Baker até que começamos a colocar em prática negociações de pacotes financeiros com os países devedores. Nós temos agora o FMI e o BIRD tentando definir o que vão fazer com seus recursos. Quando isso estiver definido, talvez eles possam fazer uma abordagem mais global, mas no momento é difícil."

Essa abordagem muito prática, típica de banqueiro, sobre o que é o Plano Brady, será testada nas próximas semanas em três renegociações já previstas: "Os casos que devem ser examinados rapidamente são México, Venezuela e Filipinas", observou. "O Brasil quer movimentar-se rapidamente também, mas isso parece um pouco precipitado."

Os temas que estarão na mesa no que possivelmente

será o primeiro exemplo de negociação sob as novas regras, envolvendo o México, já foram antecipados pelos mexicanos aos bancos: "Eles querem algumas opções dos bancos", revela o banqueiro. "Essas opções incluem a redução do principal da dívida, a redução dos juros e a capitalização de parte dos juros. Ai nós começamos a ver algumas coisas específicas envolvendo em torno do Plano Brady."

O banqueiro não quis, contudo, fazer comentários sobre essas propostas mexicanas. "Ainda é muito cedo", alega, "porque os mexicanos ainda não sabem que tipo de garantias poderão conseguir para aumentar o valor da dívida remanescente."

Os bancos estão testando os limites também em outras direções. Numa carta ao secretário do Tesouro, o presidente do BankAmerica, A.W.Clausen, queixou-se de um estudo de burocratas ianques que modifica a legislação vigente sobre perdas em empréstimos ultramarinos, tornando mais difícil para os bancos comerciais descartar parte do principal da dívida do Terceiro Mundo.